

MIA COUTO

A Confissão da Leoa

12ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Índice

| | |
|-----------------------------------|-----|
| Explicação inicial | 7 |
| <i>Versão de Mariamar (1)</i> | |
| A notícia | 11 |
| <i>Diário do caçador (1)</i> | |
| O anúncio | 27 |
| <i>Versão de Mariamar (2)</i> | |
| O regresso do rio | 41 |
| <i>Diário do caçador (2)</i> | |
| A viagem | 61 |
| <i>Versão de Mariamar (3)</i> | |
| Uma ilegível memória | 79 |
| <i>Diário do caçador (3)</i> | |
| Uma longa e inacabada carta | 95 |
| <i>Versão de Mariamar (4)</i> | |
| A estrada cega | 117 |

| | |
|---|-----|
| <i>Diário do caçador</i> (4) | |
| Rituais e emboscadas | 137 |
| <i>Versão de Mariamar</i> (5) | |
| Uns olhos de mel | 155 |
| <i>Diário do caçador</i> (5) | |
| O osso vivo da hiena morta | 165 |
| <i>Versão de Mariamar</i> (6) | |
| Um rio sem mar | 181 |
| <i>Diário do caçador</i> (6) | |
| O reencontro | 193 |
| <i>Versão de Mariamar</i> (7) | |
| A emboscada | 209 |
| <i>Diário do caçador</i> (7) | |
| O demónio santo | 223 |
| <i>Versão de Mariamar</i> (8) | |
| Sangue de fera, lágrima de mulher | 231 |
| <i>Diário do caçador</i> (8) | |
| Flores para os vivos | 243 |

Explicação inicial

Em 2008, a empresa em que trabalho enviou quinze jovens para atuarem como oficiais ambientais de campo durante a abertura de linhas de prospeção sísmica em Cabo Delgado, no Norte de Moçambique. Na mesma altura e na mesma região, começaram a ocorrer ataques de leões a pessoas. Em poucas semanas, o número de ataques fatais atingiu mais de uma dezena. Esse número cresceu para vinte em cerca de quatro meses.

Os nossos jovens colegas trabalhavam no mato, dormindo em tendas de campanha e circulando a pé entre as aldeias. Eles constituíam um alvo fácil para os felinos. Era urgente enviar caçadores que os protegessem. Essa urgência somava-se, é claro, à necessidade de proteção dos camponeses da região. Sugerimos à companhia petrolífera que tomasse em suas mãos a superação definitiva dessa ameaça: a liquidação dos leões comedores de pessoas. Dois caçadores experientes

foram contratados e deslocaram-se de Maputo para a Vila de Palma, povoação onde se centravam os ataques dos leões. Na vila eles recrutaram outros caçadores locais para se juntarem à operação. O número de vítimas mortais, entretanto, tinha subido para vinte e seis.

Os caçadores passaram por dois meses de frustração e terror, acudindo a diários pedidos de socorro até conseguirem matar os leões assassinos. Mas não foram apenas essas dificuldades que enfrentaram. De forma permanente lhes era sugerido que os verdadeiros culpados eram habitantes do mundo invisível, onde a espingarda e a bala perdem toda a eficácia. Aos poucos, os caçadores entenderam que os mistérios que enfrentavam eram apenas os sintomas de conflitos sociais que superavam largamente a sua capacidade de resposta.

Vivi esta situação muito de perto. Frequentes visitas que fiz ao local onde decorria este drama sugeriram-me a história que aqui relato, inspirada em factos e personagens reais.

Versão de Mariamar
(1)

A notícia

Bendito seja o leão que o homem comerá e o leão em humano se tornará; e maldito seja o homem que o leão comerá, e o leão se tornará humano.

Evangelho segundo Tomás

Deus já foi mulher. Antes de se exilar para longe da sua criação e quando ainda não se chamava Nungu, o atual Senhor do Universo parecia-se com todas as mães deste mundo. Nesse outro tempo, falávamos a mesma língua dos mares, da terra e dos céus. O meu avô diz que esse reinado há muito que morreu. Mas resta, algures dentro de nós, memória dessa época longínqua. Sobrevivem ilusões e certezas que, na nossa aldeia de Kulumani, são passadas de geração em geração. Todos sabemos, por exemplo, que o céu ainda não está acabado. São as mulheres que, desde há milénios, vão tecendo esse infinito véu. Quando os seus ventres se arredondam, uma porção de céu fica acrescentada. Ao inverso, quando perdem um filho, esse pedaço de firmamento volta a definhar.

Talvez por essa razão a minha mãe, Hanifa Assulua, não tenha parado de contemplar as nuvens durante o

enterro da sua filha mais velha. A minha irmã, Silência, foi a última vítima dos leões que, desde há algumas semanas, atormentam a nossa povoação.

Porque morreu desfigurada, deitaram o que lhe sobrava do corpo sobre o lado esquerdo, com a cabeça virada para o Nascente e os pés virados para Sul. Durante a cerimónia, a mãe parecia dançar: vezes sem conta ela se inclinou sobre um cântaro feito por suas próprias mãos. Aspergiu água sobre a terra em volta que, depois, calcou com ambos os pés, com o mesmo embalo de quem semeia.

No regresso do funeral, havia demasiado céu nos olhos da minha pobre mãe. O caminho até casa era apenas de uns passos: o cemitério familiar ficava nas cercanias da aldeia. Hanifa fez uma breve passagem pelo rio Lideia para os banhos purificadores, enquanto, mais atrás, eu apagava as pegadas que conduziam à sepultura.

— *Sacudam os pés, as poeiras gostam de viajar.*

No chão sagrado do nosso cemitério figurava mais uma cruz a mostrar que éramos distintos, entre muçulmanos e pagãos. Hoje eu sei: colocamos uma lápide sobre os mortos, não é por respeito. É por medo. Temos receio de que regressem. Esse medo, com o tempo, torna-se maior que a saudade.

Todos os familiares respeitaram o mando: o carreiro de regresso foi bem diverso do usado na ida. Todavia, a imagem pegajosa não arredava da minha cabeça: o corpo de Silência erguido em ombros, envolto em panos brancos que balançavam como asas quebradas.

Na soleira da nossa porta, a mãe olhou a casa como se a culpasse: tão viva, tão antiga, tão eterna. A nossa